

Diversidade e Solidariedade: uma introdução à pesquisa sobre opinião pública

Dianne M. Pinderhughes*

Tradução: Luiza Bairros

RESUMO: O artigo introduz a literatura sobre opinião pública afro-americana, apresentando as contribuições desenvolvidas por cientistas políticos negros, especialmente a partir dos anos 1980. A autora discute a questão da diversidade interna nas atitudes políticas, ao mesmo tempo em que chama a atenção para a importância da identidade racial na configuração das opiniões dos negros norte-americanos, em relação a tópicos, tais como Estado, partidos e liderança política.

PALAVRAS-CHAVE: **Opinião pública, afro-americanos, identificação racial, diversidade, heterogeneidade.**

INTRODUÇÃO

Este artigo introduz a literatura sobre opinião pública afro-americana em relação ao Estado, políticas públicas, liderança e um amplo leque de tópicos contidos na categoria geral de “política”. Seu foco principal são as várias abordagens desenvolvidas por cientistas sociais e políticos afro-americanos, particularmente nas duas últimas décadas do século XX. Sobre este tema, já existe um significativo número de pesquisas e, no entanto, o trabalho ainda está apenas começando.

Considerando que o tema interessa a pesquisadores de países diferentes e com distintos sistemas políticos no que se refere à raça, decidi, no interesse dos colegas brasileiros, associar a análise acadêmica sobre opinião pública com exemplos de suas manifestações no cotidiano, as quais, penso eu, refletem as questões que os estudiosos

* Cientista Política, Professora da Universidade de Illinois, Urbana-Champaign.

explicam através da linguagem acadêmica dos conceitos. Sem estes exemplos, talvez fosse mais difícil entender os significados políticos que afro-americanos atribuem à experiência cotidiana da sua condição racial.

Assim, começo com uma introdução sobre a formação da opinião pública, a partir da localização física e política que conheço melhor, Washington, D.C., e as formas de interação de grupo com que me deparei enquanto preparava este texto. Em segundo lugar, apresento um sumário das pesquisas sobre raça e opinião pública, incluindo as contribuições de Hanes Walton (1985), Patricia Gurin, Shirley Hatchett e James Jackson (1989), Katherine Tate (1993) e Michael Dawson (1994). Também discuto produções recentes, como a de Melissa Harris-Lacewell (2000). Ao longo do texto, refiro-me um pouco a Jesse Jackson, pois seu ativismo político está no centro de boa parte das pesquisas do tipo *survey* conduzidas nos anos 1980, e porque ele, rotineiramente, gera controvérsias e tem impacto sobre as dinâmicas, contribuindo assim para fazer e refazer a opinião negra norte-americana.

CRESCENDO NA CAPITAL DA NAÇÃO

Nasci em Washington, D.C., a “Capital da Nação”, como gostamos de chamá-la. Embora isto não seja reconhecido publicamente fora dos Estados Unidos, a capital da nação é, predominantemente, uma cidade negra, tão antiga quanto a Washington oficial, com uma memória bem detalhada e, em muitos sentidos, mais honesta do que a da cidade oficial. Antes desta viagem para Salvador, Ba, decidi visitar minha família por alguns dias. Enquanto concluía este texto, visitei a biblioteca de uma universidade local, andei pela cidade, bisbilhotei coisas espalhadas pela casa de meus pais, pensando que seria de grande ajuda descrever encontros que tive, assim como observar alguns documentos que rotineiramente se integram às vidas de alguns afro-americanos da cidade.

Minha mãe foi criada em Washington e concluiu o curso secundário, em 1936, na Dunbar High School, uma escola negra que integrava um sistema escolar legalmente segregado, num tempo em que havia poucos estabelecimentos públicos de segundo grau para negros. O grosso da população afro-americana vivia no sul rural onde a discriminação e a oposição à existência de um setor público mais abrangente implicavam em poucos recursos aplicados na infraestrutura socioeconômica em geral. As restrições ao gasto público eram ainda maiores quando se tratava da educação

de uma população que se supunha não precisar de aprendizagem avançada, secundária ou universitária. Assim, Dunbar era a *academic high school* dos negros de Washington. Vários de seus ex-alunos vieram a frequentar a universidade e se destacaram como líderes na cidade.

Sessenta e quatro anos mais tarde, alunos da classe de 1936 ainda mantêm contatos regulares, inclusive através de um boletim periódico, o *Dunbar 36 Observer*. Por acaso, achei a edição de fevereiro de 1999 que traz notícias sobre bolsas de estudo e reporta eventos como nascimentos, aniversários, mortes, doenças, a reunião anual de ex-alunos. A seção de cartas trazia uma nota de agradecimento de Edward W. Brooke que tinha estado doente: atualmente vivendo em Massachusetts, Brooke, o primeiro senador negro do século XX, representou este estado no Senado Federal de 1967 a 1979. Outro ex-aluno, Howard Grant Jr., falava a respeito de seu envolvimento com uma iniciativa para corrigir os fatos distorcidos e errôneos da história dos *Buffalo Soldiers*, “regimentos do exército organizados em 1866, após a Guerra Civil, com a participação de soldados negros sob o comando de oficiais brancos”. Antes de serem extintas nos anos 50, estas unidades de cavalaria e infantaria serviram nas guerras contra os índios, na guerra hispano-americana, na expedição mexicana, nas duas Guerras Mundiais e na guerra da Coréia.

Fui à biblioteca da Universidade George Washington e ao chegar tive a atenção despertada por um pôster sobre a exposição de uma coleção especial intitulada *Mulheres Negras no Despertar do Novo Milênio*. Decidi ver a exposição, para coletar algum material que pudesse ser útil para uma conferência que aconteceria em breve, patrocinada pelo Centro de Estudos Afro-Americanos e o Programa de Pesquisa da Universidade de Illinois. Um dos panfletos dizia: “A exposição trata das conquistas das mulheres negras nos últimos 100 anos. Apresenta uma mostra de fotografias, documentos e objetos que marcam os esforços das mulheres negras para emancipar e educar, organizar e protestar pelos direitos civis e destacar-se em muitas áreas antes fechadas à sua participação”.

Um pouco depois da visita ao espaço que celebrava as vidas das mulheres negras, fui fazer cópias de alguns artigos. Mas, como não era estudante ou professora naquela universidade, teria que pedir a um funcionário da biblioteca que fizesse as cópias para mim. Fui atendida por um jovem negro que fez e me entregou o que pedi. Quando fiz menção de pagar pelo serviço, ele apenas disse “está tudo certo”, de uma forma que interpretei como um favor que afro-americanos prestam uns aos outros, quando trabalham em grandes instituições que parecem poder arcar com custos como estes.

Por que estou trazendo episódios como estes no início de um texto que trata da literatura acadêmica sobre opinião pública negra? Porque eles refletem a ubiqüidade, o poder e a permanência de significados compartilhados por um grupo na vida social e política, bem

como servem de exemplos cotidianos dos achados dos pesquisadores, os quais passo a comentar a seguir.

PESQUISA DE OPINIÃO PÚBLICA

Nos Estados Unidos, pesquisas de opinião são freqüentemente realizadas em todas as cidades, grandes ou pequenas. No entanto, nem sempre foi assim. As primeiras pesquisas foram desenvolvidas nos anos 40, por equipes de psicólogos e sociólogos estabelecidas na Universidade de Chicago e na Universidade de Michigan. Embora parecesse haver uma preocupação com a significância estatística dos resultados, no geral, apenas um pequeno número de cidadãos ou eleitores afro-americanos era incluído nas amostras. Isso não se constituía em problema até que, nos anos 80, cientistas sociais negros começaram a criticar as abordagens que geravam bases de dados estatisticamente questionáveis, deixando evidente que estudos sérios sobre a opinião pública negra ainda estavam por ser realizados.

Hanes Walton, baseado em cuidadosa revisão da reflexão desenvolvida em instituições negras, e em pesquisas de opinião conduzidas por outros pesquisadores, ressalta que, historicamente, os afro-americanos têm buscado criar grupos de consciência e grupos de interesse como meio de promover a cooperação na consecução de objetivos comuns. Examinando registros¹ de trabalhos de ativistas negros desde 1760 até os dias atuais, o autor chama a atenção para o fato de que os negros sempre criaram mecanismos para ampliar e reforçar um sentimento de comunidade, especialmente nos períodos de maior ebulição da consciência racial. Entretanto, segundo ele,

¹ De acordo com a catalogação de Dorothy Porter, bibliotecária da Howard University, a qual inclui estatutos e regimentos de sociedades beneficentes, discursos proferidos em sociedades econômicas e de ajuda mútua, relatórios das convenções anuais pelo progresso das pessoas de cor livres, debates contra e a favor da colonização, cartas, sermões, petições, palestras, ensaios, poemas e narrativas.

Nenhum dos mais importantes trabalhos sobre opinião pública chega a dedicar um capítulo para a opinião pública negra. [...]

A maior parte dos dados mais antigos foi coletada pelos pesquisadores para averiguar a direção da opinião negra sobre certas questões sociais importantes. Os psicólogos sociais continuaram no mesmo caminho, apenas adicionando algumas poucas questões, a exemplo de como negros se sentem em relação aos direitos civis, violência, liderança negra, protesto, preconceito, leis de segregação, integração de escolas e o papel do governo. Mais tarde, os cientistas políticos mudaram o foco para as percepções de manifestantes negros. Pesquisas deste tipo nos permitem saber como a América negra se sente, mas nada dizem sobre as razões por que ela se sente desta forma ou as circunstâncias que motivam suas opiniões. Sem uma base ou sem razões, a opinião política dos negros parece exortativa, polêmica, retórica, quando não soa como fúria injustificada. (Walton, p. 57-58)

Nos anos 60 e 70, os negros começaram, pela primeira vez em números significativos, a freqüentar universidades predominantemente brancas e a ocupar espaços em centros de pesquisa, onde participaram da elaboração de *surveys*. O Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Michigan formou o maior grupo de cientistas sociais em pesquisa de base quantitativa, o que permitiu a realização de estudos como o *Hope and Independence. Blacks' Response to Electoral and Party Politics*, de Patricia Gurin, Shirley Hatchett and James Jackson (1989), um marco na literatura sobre o tema². A pesquisa, baseada em uma amostra de 1151 afro-americanos em idade de votar, sendo 871 deles também entrevistados depois das eleições presidenciais de 1984, tratava da resposta negra à política partidária e eleitoral, particularmente no que se refere ao apoio à nomeação de Jesse Jackson como candidato a Presidente pelo Partido Democrata e à demanda por uma expressão política independente.

Integrando outras metodologias de análise qualitativa dos mesmos tópicos, os pesquisadores identificaram quatro temas contraditórios nas atitudes dos negros em relação ao sistema partidário e eleitoral: (i) esperança de ser incluído; (ii) perseverança em face da exclusão

² Apresenta os resultados do *National Black Election Study* realizado nas eleições de 1984. Os dados das eleições de 1988 não foram incluídos no livro.

contínua; (iii) expectativas de traição; e (iv) independência partidária como um meio e não um fim em si mesma.

A capacidade de lidar com elementos políticos aparentemente contraditórios é o que explica o grande interesse da população negra por questões partidárias e eleitorais, mesmo diante de condições passadas e presentes de exclusão. Em termos de identificação, as opiniões se dividiram entre os 90% que se percebem como parte do destino comum da sociedade norte-americana e, portanto, acham que seu futuro político, social e econômico não pode ser separado do restante da sociedade; e os que se identificavam mais como negros do que como americanos. No primeiro grupo, havia maior presença de pessoas de renda e escolaridade elevadas, moradoras de áreas urbanas e com maior acesso a recursos organizacionais, as quais tendem a ser mais politizadas, mais insatisfeitas com seu *status* econômico e político e mais preocupadas com a discriminação racial. Entre elas registrava-se um maior apoio a Jesse Jackson. O segundo grupo, que se colocava fora do sistema político, reivindicava uma expressão negra independente. Entretanto, ainda que utilizando uma variedade de estratégias, inclusive o protesto e outras manifestações independentes, em ambos os grupos havia entrevistados que apoiavam o Partido Democrata.

Um importante aspecto dos *surveys* conduzidos por pesquisadores afro-americanos é o uso de dados quantitativos combinados com pesquisa interdisciplinar, que permite avaliar as crenças políticas dos afro-americanos de um modo incomum no campo das ciências políticas. Daí ter sido possível que Gurin *et al.* identificassem três outros aspectos controvertidos na relação do eleitorado negro com a política partidária e eleitoral, os quais estão relacionados com questões de diversidade e solidariedade: (i) homogeneidade e heterogeneidade – existe uma considerável concordância nas atitudes e reações do eleitorado negro, mas também há uma grande diversidade de estratégias; (ii) o papel histórico e contemporâneo da classe social – existe uma solidariedade que atravessa as classes sociais. Por isso, afirmações como

as de William J. Wilson sobre o declínio da significância de raça não encontra eco nas evidências empíricas; (iii) a forte solidariedade do eleitorado negro advém da consciência política de grupo. Resta saber o quanto isso pode desencorajar coalizões.

Os pesquisadores também discutiram como a identidade compartilhada, a consciência política de grupo e a existência de organizações, como recursos coletivos, proveram as bases para o movimento do poder negro e o movimento dos direitos civis. Eles identificam, explicitamente, a solidariedade de grupo como um recurso organizacional e argumentam que esta repousaria em dois componentes:

- Identificação de grupo – consciência e aceitação do pertencimento a um grupo, como fator importante para a definição do “eu”.
- Consciência política de grupo – a ideologia sobre a posição do grupo na sociedade é formada a partir da insatisfação com a divisão de poder e de recursos sociais; da forma de avaliar a legitimidade das disparidades entre o próprio grupo e os outros; e do comprometimento com estratégias políticas coletivas. Ou seja, quando alguém se percebe como parte de uma condição coletiva, e não individual, a desvantagem social pode ser mais facilmente entendida em termos políticos.

No que se refere à classe social como um fator na participação política, o mesmo *survey* mostrou que a classe média tende a participar mais, tanto em protestos como em processos eleitorais, devido ao acesso a recursos organizacionais, educação e participação em organizações negras que garantem o vínculo com questões políticas. Quanto a este aspecto, não havia diferenças significativas entre as atitudes dos que atingiram a idade de votar antes ou depois do movimento pelos direitos civis.

Katherine Tate também utilizou este mesmo estudo de 1984 em seu *From Protest to Politics* (1993), no qual procurava investigar novos eleitores negros. Ela analisou dados relativos a uma amostra de 473

peças re-entrevistadas antes e 418 re-entrevistadas depois das eleições presidenciais de 1988. A autora revisitou as perspectivas sobre política eleitoral e políticas públicas, que davam a medida da atração ou rejeição dos afro-americanos pela vida pública, mas inverteu os objetivos geralmente presentes em estudos tradicionais. Assim, concentrou-se em investigar como os esforços das décadas recentes para integrar-se às instituições políticas nacionais teriam configurado ou reconfigurado os valores políticos dos afro-americanos.

A análise de Tate sobre os negros e o Partido Democrata oferece uma valiosa introdução à importância da questão racial na política partidária, após os anos 30, demonstrando o papel dos ativistas independentes na redefinição da agenda do Partido, em função das demandas dos anos 60 e 70. Também mostra que a disputa de Jesse Jackson pela candidatura à presidência provocou um impacto contraditório. Por um lado, fortaleceu a posição dos afro-americanos dentro do Partido e, por outro, aumentou a insatisfação e a desconfiança depois da derrota do candidato negro nas convenções.

Na comparação entre os dados das eleições de 1984 e 1988, poucas diferenças significativas foram encontradas nas atitudes dos negros, Republicanos e Democratas, especialmente no que se refere às políticas públicas; e a probabilidade de um afro-americano ser Democrata permaneceu mais ou menos igual nos diferentes intervalos de renda. Quanto ao nacionalismo negro, o estudo indicou que este cresce à medida que as condições de vida dos afro-americanos se deterioram, o que ajuda a explicar as variáveis que sustentam a sua permanência ao longo do tempo e sua maior força em conjunturas específicas. Portanto, o apoio ao nacionalismo negro era mais pronunciado nos segmentos mais pobres e de menor escolaridade, tendo aumentado sua influência em consequência da piora das condições socioeconômicas nas últimas décadas. Os negros que expressam visões nacionalistas tendem a ter menor participação no processo eleitoral.

Gênero e geração figuraram na pesquisa como importantes fatores na diferenciação da preferência partidária entre negros, sendo que homens e grupos de idade mais jovens apresentaram maior probabilidade de serem politicamente independentes ou preferirem o Partido Republicano. Entre os Republicanos, não havia evidências de descontentamento diante da reorientação do seu Partido para a direita, ocorrida durante os dois períodos em que Ronald Reagan exerceu a presidência dos Estados Unidos.

Embora a população negra tenha passado do protesto à política (institucional), a identificação racial ainda tem um grande valor e a insatisfação com o *status* social, político e econômico atravessa as classes sociais e as preferências partidárias. Isto não significa que os afro-americanos constituam um grupo indiferenciado: variações em escolaridade, *status* econômico, gênero e geração influenciam preferências partidárias, atitudes em relação ao processo eleitoral, assim como o apoio a Jesse Jackson.

O trabalho de Michael Dawson (1994), também baseado nos *surveys* de 1984 e 1988, dá maior ênfase à intersecção de raça com outras variáveis, explorando as complexidades das relações entre raça e fatores econômicos. Os afro-americanos se vêem como operando num contexto de “destino interligado”, cujas condições só poderiam ser reconfiguradas por um processo coletivo. Contudo,

a renda familiar afeta as atitudes em relação à redistribuição econômica e às políticas governamentais de igualdade racial: quanto maior a renda familiar do entrevistado, maior a probabilidade de oposição a estas políticas [...] e menor a probabilidade do indivíduo apoiar a autonomia negra. Apesar de ser evidente que a identidade racial e os interesses de grupo são inibidores poderosos das divisões de classe, o limitado espectro político americano mascara significativas diferenças de classe na opinião pública afro-americana. Assim, se mais opções políticas estivessem disponíveis para os negros, veríamos maior heterogeneidade no comportamento político afro-americano (Dawson, 1994, p.195).

Daí a necessidade de considerar que

do mesmo modo que a identidade afro-americana foi forjada como uma resposta à opressão racial, à medida que as condições e instituições da comunidade negra mudam, também deveria mudar a natureza da identidade racial. O processo de mudança e de crescimento da heterogeneidade política, se ele existe, seria acelerado a ponto de corroer as redes sociais e instituições negras ou de fazer com que as elites negras com fortes laços na comunidade fossem suplantadas por indivíduos (particularmente os novos membros da classe média negra, com laços mais fracos com a comunidade) que se juntaram às redes e instituições das classes média e alta brancas. Neste contexto, uma variável crítica no desenvolvimento da heterogeneidade política seria o clima racial para indivíduos negros e a força das instituições negras autônomas. (Dawson 1994, p.63).

Em pesquisa subsequente³, Dawson explorou dois elementos de divisão dentro da comunidade negra, o nacionalismo e o feminismo negros. No início dos anos 90, já se identificava uma tendência crescente em favor de um partido negro independente, mas, nos setores em que este apoio havia duplicado nos últimos cinco anos, o feminismo negro parecia gerar uma reação inversa. Ou seja, os que aderiam ao nacionalismo negro apresentavam uma menor probabilidade de concordar que o feminismo negro representasse os melhores interesses da comunidade.

Finalmente, destaco o texto de Melissa Harris-Lacewell que ajuda a contextualizar os trabalhos de pesquisadores negros como os abordados ao longo deste texto. A autora oferece “*uma crítica aos estudos sociais contemporâneos sobre raça, mostrando como a omissão dos atores negros destes estudos leva os pesquisadores a formular questões erradas e a não interrogar os pressupostos nos quais se baseiam seu trabalho empírico e suas conclusões*” (Harris-Lacewell, 2000, p.2). Do mesmo modo, as pesquisas de atitudes têm invisibilizado não apenas a ação política dos negros, como os achados de pesquisadores afro-americanos. Esta invisibilidade é entendida pela autora no sentido proposto por Ralph Ellison, como metáfora de um estado de ser que apenas se revela quando outros se recusam a nos ver, a reconhecer nossa existência, a aceitar nossa presença e nossa contribuição para um mundo de significados. Não sur-

³ *National Black Politics Survey*, 1993.

preende, portanto, que estudos no campo das ciências sociais tendam a identificar cidadania com brancos, deixando os negros quase que completamente fora da equação⁴. Os pesquisadores brancos, recomenda Harris-Lacewell, devem recolocar os negros no centro de suas investigações sobre opinião pública, pois o reconhecimento de nossa existência é o primeiro passo para iniciar a abordagem de questões metodológicas substantivas, que ainda permanecem intocadas na maioria dos trabalhos.

DIVERSIDADE E SOLIDARIEDADE

É por tudo isso que a exposição a que me referi no início do texto, estava sendo realizada na Biblioteca Gelman da Universidade George Washington. Francine Henderson, a curadora, é uma afro-americana que queria celebrar a história das mulheres negras ao longo do último século, junto com outras mulheres dos Estados Unidos e da África. O jovem negro do centro de cópias da biblioteca me “reconheceu” de uma forma que o fez sentir-se com mais poder. Os formandos de 1936, da Dunbar High School, ainda se comunicam através do boletim e de muitas outras redes que os permitem afirmar a existência uns dos outros. Muitos deles, como Edward Brooke, lograram reconhecimento nas suas vidas profissionais e pessoais, mas a estrutura social nos Estados Unidos os encoraja a manter os vínculos com instituições que refletem a consciência de grupo e o destino de grupo.

A pesquisa evidencia que estas não são configurações simples de identidade racial nos Estados Unidos. Gurin, Hatchett e Jackson conseguiram sintetizar no título do seu trabalho a contínua interação e diálogo entre e a *esperança* e a *independência*. À medida que novas gerações de cientistas políticos e sociais mapeiem este território, o poder e

⁴ Esta tendência é parte de um padrão que se repete historicamente numa cidade como Washington, D.C., por exemplo. As associações de moradores de bairros brancos são intituladas “Associação de Cidadãos”, as equivalentes em bairros negros são chamadas simplesmente de “Associação Cívica”.

interação dinâmica entre estes dois conceitos vai ecoar através do tempo. Somente se a mudança política afastar os Estados Unidos de um modelo de sociedade na qual raça é um princípio central, o poder cíclico da relação entre estes dois pólos será dissipado. Presentemente, os sinais do fim desta relação ainda são muito tênues.

(Recebido para publicação em fevereiro de 2002)

(Aceito em junho/2002)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Robert A.; DASH, Heather; SUMTER, Tharius. Is it cause I'm broke or cause I'm black. An empirical analysis of the race versus class debate in African Americans' Political Attitudes. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS CIENTISTAS POLÍTICOS DO MEIO-OESTE, 3, Chicago, 27/30 abr., 2000. DAWSON, Michael. **Behind the mule. Race and class in African American Politics**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

DUNBAR 36 OBSERVER. Evelyn T. Gray, (Ed.) Washington, v.11 n.1, fev. 1989. D.C. GURIN, Patricia; HATCHETT, Shirley; JACKSON, James S. **Hope and independence: blacks' response to electoral and party politics**. New York: Russell Sage Foundation, 1989.

HARRIS-LACEWELL, Melissa V. **The heart of the politics of race: centering black people in the study of white racial attitudes**. Texto apresentado na In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS CIENTISTAS POLÍTICOS DO MEIO-OESTE, 3, Chicago, 27/30 abr., 2000.

SNIDERMAN, Paul; SEARS, David; SIDANIUS, Jim; BOBO, Larry, (Orgs.) **Racialized politics: the debate about racism in America**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

TATE, Katherine. **From protest to politics: the new black voters in American Elections**. New York: Russell Sage Foundation. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1993.

WALTON, Jr, Hanes. **Invisible politics: black political behavior**. Albany, NY: State University of New York Press, 1985.

